

DO PAPEL AO DIGITAL: PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA

Alleid Ribeiro Machado*

 <https://orcid.org/0000-0001-9359-532X>

Elaine Cristina Prado dos Santos**

 <https://orcid.org/0000-0002-2886-8245>

Valéria Bussola Martins***

 <https://orcid.org/0000-0002-1997-3772>

No papel ou em plataformas digitais, a leitura literária representa uma das formas mais assertivas de se estimular o pensamento e a criatividade humana, de se conhecer, reconhecer e interpretar aspectos sociais e de se respeitarem diferenças culturais. O ato de ler pode levar o indivíduo a uma imersão completa em textos que propiciam reflexões críticas e profundas sobre o mundo.

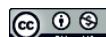
Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela (Lajolo, 2008, p. 7).

Nesse sentido, família e escola deveriam, sempre que possível, estimular a leitura, pois ela desempenha um papel capital no desenvolvimento humano. Ao lermos obras literárias, somos conduzidos a compreender, interpretar e ponderar sobre diversas óticas e perspectivas. Analisamos simbolismos, contemplamos metáforas, investigamos as estruturas das narrativas, matutamos sobre as escolhas semânticas e meditamos sobre as intenções dos autores.

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail:* alleid.machado@mackenzie.br

** Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail:* elainecristina@mackenzie.br

*** Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail:* valeria.martins@mackenzie.br



A vivência em leitura a partir de práticas situadas, envolvendo o contato com gêneros escritos e multimodais variados, de importância para a vida escolar, social e cultural dos estudantes, bem como as perspectivas de análise e problematização a partir dessas leituras, corroboram para o desenvolvimento da leitura crítica e para a construção de um percurso criativo e autônomo de aprendizagem da língua (Brasil, 2017, p. 244).

Por meio dos livros, é possível ter amplo acesso a épocas, dados históricos e costumes. Além disso, o contato com variados estilos de escrita – da poesia à prosa –, muitas vezes, propicia o aprimoramento de habilidades de escrita, o que oportuniza a promoção da própria voz do leitor. Nesse sentido, a leitura literária envolve uma atmosfera de criatividade quase ilimitada, na qual novas formas de expressão podem ser exploradas.

O leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor (Chartier, 1998, p. 77).

De maneira concisa, a leitura literária é uma atividade fulcral para o desenvolvimento do indivíduo. O dossiê “Do papel ao digital: práticas de leitura literária”, publicado no periódico *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, trata de todas essas questões que envolvem a leitura literária.

No primeiro artigo deste dossiê, “Leitura literária e multimodalidade: a exploração de poesia em aulas de espanhol”, Elizabeth Guzzo de Almeida, Maria Lúcia Castanheira e Maria Zélia Versiani Machado refletem sobre a importância de práticas multimodais de leitura literária para o ensino de línguas. As autoras evidenciam como a leitura de poemas (em diálogo com manifestações visuais, gestuais e sonoras) enriquece o aprendizado de um novo idioma. É descrita, com detalhes, e avaliada uma atividade pedagógica em que foram utilizados livros ilustrados e curtas de animação em prol de uma apreciação literária mais interativa e dinâmica. As pesquisadoras explicam aos leitores que a leitura literária, calcada na multimodalidade, pode favorecer tanto o aprendizado de um segundo idioma quanto a expansão da expressão criativa dos educandos, o que, possivelmente, auxilia, igualmente, a compreensão e a interpretação de textos literários. Os resultados expostos no texto demonstram que a atividade criada e aplicada subsidiou, de maneira muito satisfatória em termos pedagógicos, a fruição da leitura literária.

Sandra Depexe, no artigo “*Unboxing, tour* na estante e valorização do papel”, privilegiando dados referentes ao Brasil, versa, a partir dos pressupostos teóricos de Néstor García Canclini, sobre as alterações no consumo de livros impressos em um contexto em que as mídias sociais (como YouTube, Instagram e TikTok) invadem o dia a dia das pessoas e o mercado editorial. As comunidades literárias do mundo virtual, que retratam as facetas contemporâneas da leitura como prática social em que os conhecimentos são construídos coletivamente, possibilitam que os leitores se tornem produtores de conteúdos digitais e compartilhem suas avaliações sobre as obras e seus autores. Embora muitas pessoas julguem que as tecnologias digitais possam desbancar as obras físicas, a autora explica que, ao contrário, elas valorizam os livros, a materialidade. Sandra

Depexe reflete sobre as rationalidades do consumo evidenciadas por leitores – e produtores de conteúdos – nas comunidades literárias *bookgram*, *booktube* e *booktok*. A partir de uma pesquisa bibliográfica, a pesquisadora explica que foram selecionadas para observação as categorias *unboxing* (prática de desembalar produtos novos recebidos e avaliar suas características diante de uma câmera para a produção de um vídeo que é postado em mídias sociais) e *bookshelf tour* (exibição – em formato de vídeo – do conteúdo de uma estante de livros para seguidores). A pesquisadora salienta que houve um aumento relevante da influência dos criadores de conteúdo digital na busca por livros pelos leitores brasileiros. As descobertas da autora apontam para uma rationalidade estética e simbólica e para uma rationalidade do desejo de posse, condição que valoriza o livro físico e estimula a leitura literária.

No terceiro capítulo, “*App Ciência e Literatura*: leitura literária, interpretação e interações investigativas”, Fernando Bruno Antonelli Molina Benites, Alessandra Dutra e Awdry Feisser Miquelin dissertam sobre o aplicativo educacional *Ciência e Literatura*, desenvolvido para integrar a leitura literária à Alfabetização Científica e Tecnológica (ACT). O aplicativo, dividido em seções – que se voltam para determinadas obras literárias – busca aproximar a literatura e as ciências. O *app Ciência e Literatura* – com base no método de ensino Ilhas Interdisciplinas de Racionalidade (IIR), com enfoque no campo de conhecimento Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e com trechos literários para fomentar uma análise crítica – promove debates sobre questões científicas, buscando a interação entre educandos. Cada seção apresenta ao usuário abas para leitura, reflexão e discussão. Os pesquisadores esclarecem que o uso do *app* em sala de aula se mostrou fecundo, assim como promoveu maior envolvimento por parte dos discentes. Ademais, os autores revelaram que os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental concluíram que a literatura pode ser encarada como uma poderosa ferramenta para desenvolver reflexões sobre questões científicas e para que o nosso papel cidadão na sociedade seja posto em primeiro plano. Logo, a aproximação entre literatura e ciência é muito profícua para o processo de ensino-aprendizagem da leitura.

“Clube de leituras negras e formação de leitores no Ensino Superior”, quarto artigo do dossiê, escrito por Maíra Lopes dos Reis, oferta, com muito cuidado, o exitoso projeto de extensão *Clube de Leitura Escrevivências Negras*, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Inicialmente, a autora explica que o projeto foi criado para amenizar os impactos do isolamento social a que fomos condicionados em função da pandemia da Covid-19 por meio da troca de experiências literárias. O projeto de extensão foi um sucesso entre os estudantes da universidade. Depois, expandiu-se e integrou, também, a comunidade local. O clube, que promove a leitura de obras literárias que retratam a vida de mulheres (indígenas, negras e quilombolas), visa ao acolhimento, à escuta e ao debate sobre questões sociais e raciais. Nos encontros organizados, observam-se leitores se inserirem em narrativas de obras literárias que têm como moldura as relações construídas em sociedade. O projeto conseguiu tanto sucesso que já está em processo a ampliação da proposta para que comunidades rurais também possam participar. A autora do artigo explicita que a iniciativa (que percebe a leitura literária como um direito humano) valoriza a literatura como forma de resistência e de representação de grupos, historicamente, marginalizados. Segundo Maíra Reis, não é possível se tornar humano, em sentido pleno, sem o

acesso à leitura literária. O desejo é que um número cada vez maior de narrativas combine experiências pessoais e coletivas para questionar e resistir às opressões de um mundo que ainda tem muito a evoluir para que todas as pessoas sejam valorizadas e respeitadas.

Olinda Cristina Martins Aleixo, autora do artigo “Literatura de autoria feminina e os desafios para o ensino da leitura literária”, quinto estudo do dossiê, propõe que observemos como determinadas obras literárias de autoria feminina fazem uso de artifícios questionadores em relação a expressões literárias tradicionais. A autora traz à tona a crise da leitura literária em ambiente escolar para questionar o interesse insuficiente dos estudantes pelas obras que são indicadas para os estudos. O problema envolveria a leitura ou o tipo de obra que é selecionado? Esse é um dos questionamentos centrais do artigo. A pesquisadora demonstra que as obras de autoria feminina, além de superarem as barreiras do cânone literário, abrem espaço e dão voz a manifestações literárias que apresentam linguagem, estratégias textuais e visões de mundo singulares. De acordo com Olinda Aleixo, essas características se conectam aos interesses do aluno e a linguagem os atrai ainda mais. Essa aproximação entre obras e discentes chama a atenção dos alunos. Gera curiosidade e motiva-os a ler, compreender, interpretar e refletir sobre os textos literários de autoria feminina. Em suas últimas palavras, a autora sugere que reavaliemos nossas práticas de ensino da leitura literária e que, talvez, as obras de autoria feminina possam representar um novo caminho no processo de renovação das aulas de leitura literária na escola, já que elas podem trazer para o ambiente educacional narrativas diversificadas, com experiências estéticas ímpares e temáticas necessárias e contemporâneas que vão ao encontro da realidade de vida, com muitos desafios, de grande parte dos alunos brasileiros.

No sexto artigo deste dossiê, em “Práticas de mediação de leituras literárias em unidades socioeducativas”, Adriane Sartori apresenta o Projeto *Leituras na Medida* e discorre sobre valiosas estratégias para a promoção da leitura literária entre jovens que vivem em unidades socioeducativas no Brasil. O Sistema Socioeducativo brasileiro destina-se a adolescentes de 12 a 18 anos que tenham cometido atos infracionais. Nesses casos, não há pena a cumprir (como ocorre no Sistema Prisional brasileiro, para pessoas maiores de 18 anos). Porém, o adolescente recebe uma medida socioeducativa, compatível com a gravidade do ato infracional, que pode ser desde uma advertência a uma internação em estabelecimento educacional. A autora explicita que, como a maioria desses adolescentes teve pouco ou quase nenhum incentivo à leitura literária, o Projeto *Leituras na Medida* busca suprir essa carência, almejando a formação de leitores, evitando a escolarização do texto literário. Durante e após a leitura integral de uma determinada obra, propicia-se um espaço em que os adolescentes ganham voz e são ouvidos por mediadores. Trata-se de um momento de reflexão, seguido de apresentações coletivas sobre algum aspecto levantado coletivamente, como aproximação com contextos familiares. Há depoimentos, desenhos, representações de personagens, retomadas de partes do texto. Adriane Sartori descreve, inclusive, uma experiência que foi muito rica para o projeto: a visita do autor de um dos livros à unidade. A pesquisadora elucida que esses espaços de troca são muito significativos para os jovens, já que a realidade, em algumas unidades socioeducativas, pode ser bem árdua, e enfatiza que é capital garantir o direito à leitura a esses adolescentes privados de liberdade.

“Reorientações decoloniais e transviadas para o ensino de literatura na Universidade”, sétimo artigo do dossiê, escrito por Victor Santiago, discute a urgência em se repensar o ensino de literatura. O autor busca levar o leitor a refletir sobre caminhos para romper a perspectiva do ensino tradicional que privilegia apenas determinados autores e certas obras, ignorando, com frequência, inúmeros escritores e várias obras. Segundo o pesquisador, seu objetivo principal é trazer à luz debates que, há anos, são invisibilizados, sendo sua meta como docente uma educação mais representativa, inclusiva e crítica. A partir de suas vivências como professor universitário, em uma Licenciatura em Letras, Victor Santiago demonstra que é imprescindível que novas práticas de ensino de literatura promovam justiça social e reconheçam as diversidades e as identidades marginalizadas constantemente no país. Compreendemos, ao longo da leitura do artigo, que essas mudanças só serão possíveis se forem incorporadas nos componentes curriculares, a partir de uma perspectiva de resistência e reexistência, obras que tratem de questões de raça, gênero e sexualidade. Essas inserções, além de ampliar o repertório literário dos licenciandos, representariam a base para um ensino universitário mais democrático, significativo e transformador, já que trariam para a universidade a diversidade, rica, mas muito excluída em vários locais no Brasil e nas estâncias de poder. Novas formas de pensar a literatura são vitais.

Em “História, mito e amor: ingredientes basilares na gênese identitária portuguesa”, oitavo estudo deste dossiê, Flavia Maria Ferraz Sampaio Corradin discorre sobre o mito de Inês de Castro, uma figura emblemática do século XIV da história de Portugal. A narrativa de Inês de Castro (junto de seu amor trágico por D. Pedro, futuro rei de Portugal) é reconhecida como mito fundador da identidade nacional portuguesa. Por meio de uma análise interdisciplinar, que abrange iconografia, história e literatura, investiga-se como o mito de Inês de Castro foi construído. A partir da heterogeneidade de pontos de vista, a autora certifica que história, literatura e amor dialogam com cada releitura e com o contexto de produção e alerta sobre o fato de que o medievo envolve condições e imposições que precisam ser consideradas, respeitadas e estudadas como causa de transfigurar um fato histórico em um mito nacional identitário. Há diálogos, paráfrases e paródias de alguns dados da história oficial, de certos padrões de comportamento e de determinadas verdades oficiais. Flavia Corradi atesta, portanto, que o mito foi esculpido por fatores culturais, históricos e sociais, o que faz da história de Inês uma metáfora que envolve identidade, memórias e verdades. Salienta-se, ainda, que o estudo assinala que a narrativa de Inês de Castro foi reinterpretada na literatura contemporânea por meio de aproximações com as complexidades políticas e sociais do contexto do presente. Segundo a autora, esses diálogos ampliam a nossa compreensão de aspectos históricos e culturais.

No último artigo deste dossiê, “Ritmo e andamento na sala de aula: dinâmicas sensíveis no ensino da leitura literária”, Giovanna Longo e Fernanda Elias Zacarelli discutem os desafios na formação de leitores no século XXI, época em que as tecnologias digitais, por vezes, moldam a interação dos indivíduos com os textos. As autoras, além de destacarem a dificuldade de concentração diante de um texto, apresentam uma proposta pedagógica constituída de atividades rítmicas e de leitura em voz alta em prol do desenvolvimento da habilidade de percepção do alunado e da capacidade de expansão de horizontes, por meio de

conceitos da Fonética (ritmo, originalmente do universo da música, que está relacionado à organização do tempo de fala) e da Semiótica (andamento que se volta para a velocidade da fala). Somos levados a compreender que esses dois conceitos são imperativos para a construção do sentido do texto. Evidencia-se que também somos conduzidos, pelas pesquisadoras, a entender que a consciência rítmica (que envolve o corpo e a voz) pode ajudar tanta na leitura em voz alta quanto na leitura silenciosa.

Em função da relevância da leitura literária em nossas vidas e da riqueza de cada um dos artigos que compõem este dossiê temático do periódico *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, recomendamos veementemente a leitura dos textos e deixamos um agradecimento fraterno a todos os autores pela contribuição.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.